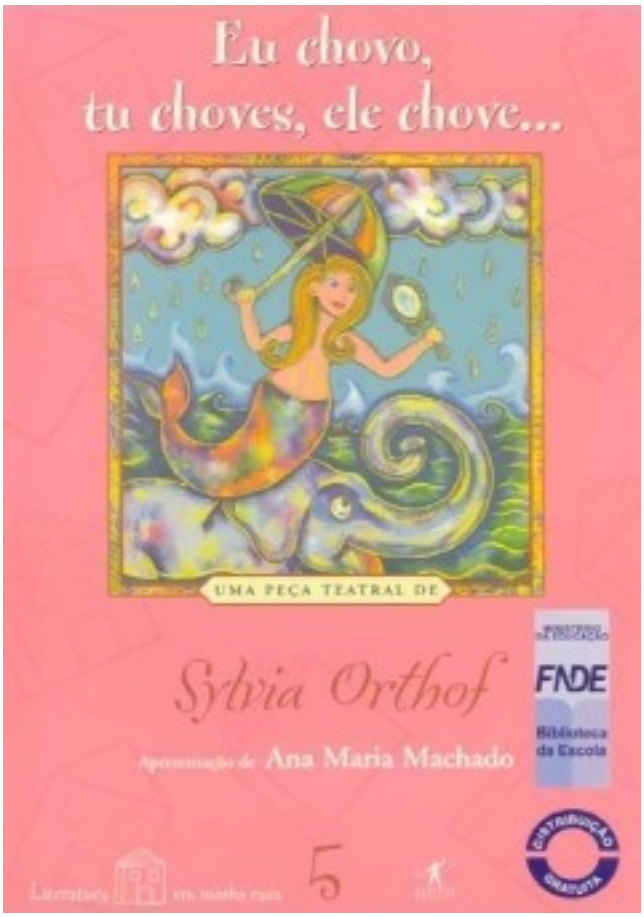

Eu chovo, tu choves, ele chove...

Peça Teatral

Sylvia Orthof

(Em homenagem aos dons teatrais da dona chuva)

Poucos autores conseguem transformar as coisas mais banais do dia-a-dia em espetáculo — como a carioca Sylvia Orthof consegue fazer, bem como ninguém, em peças de alegria contagiante. Com a Sylvia fica simples e gostoso inventar: os alunos viram atores, o guarda-chuva é personagem, a sala de aula se transforma em cenário.

Com mais de 100 livros publicados, Sylvia se consagrou como escritora premiada para crianças e adolescentes. Mas sabe como ela começou? Fazendo teatro. Esta peça que você vai ler, e quem sabe encenar no seu colégio, é um exemplo do talento singular da Sylvia — uma das autoras mais competentes do teatro infantil brasileiro.

Sylvia Orthof: uma campeã teatral

Ana Maria Machado

Sylvia Orthof é um dos maiores nomes do teatro infantil brasileiro. Com toda a certeza, ocupa lugar de honra no pódio dos nossos autores dramáticos para crianças e adolescentes. Teve toda uma vida consagrada ao palco, como atriz, diretora, cenógrafa, manipuladora de fantoches e dramaturga. Foi premiada, conhecida e reconhecida como uma mulher de teatro. No entanto, nos últimos anos de sua vida, se dedicou tanto aos livros infantis que as novas gerações podem até não saber desse seu lado teatral. Pois faço questão de apresentá-lo. Até mesmo porque fui testemunha e companheira de parte dessa jornada.

Em 1975, eu era crítica de teatro infantil e fiz parte do júri de um Concurso Nacional de Dramaturgia do Teatro Guaíra, no Paraná. Éramos cinco jurados e, entre centenas de peças, escolhemos por unanimidade uma que se chamava “A viagem do barquinho”. Ao abrirmos o envelope que identificava seu autor, estava o nome de Sylvia Orthof. Era conhecida como alguém que fazia teatro para adultos e dirigira em Brasília o Teatro do Candango, mais de dez anos antes, trabalhando com operários que tinham ajudado na construção da nova capital do Brasil. Fui encarregada de telefonar para ela e comunicar a decisão do júri. Dali mesmo onde estávamos, em

volta da mesa de reunião, liguei e me identifiquei. Ela me conhecia de nome, por causa de meu trabalho no jornal. Então aconteceu o seguinte. Eu disse:

— Sylvia, você acaba de ganhar o primeiro prêmio do...

Fiquei falando sozinha. Ela gritava, dava vivas, exclamava obas, mas evidentemente já estava aos pulos bem longe do telefone. Falei com os outros jurados, fiquei parada com o fone na mão esperando ela voltar e ouvindo a gritaria de comemoração. Daí a pouco, ouço a voz dela de volta:

— Desculpe, mas é verdade? Ganhei mesmo? O primeiro prêmio? Não é trote?

Enquanto eu me esforçava para confirmar, ela largou o telefone novamente, festejando. De repente veio uma voz masculina, pedindo para eu esclarecer. Expliquei do que se tratava, o dono da voz informou a quem estava ao lado que se tratava do prêmio do Guaíra. Só então Sylvia voltou ao telefone, agradeceu educadamente e, muito compenetrada e sem nenhum entusiasmo, disse algumas frases que faziam sentido. Fiquei com a nítida impressão de que ela não tinha gostado nada de estar ganhando aquele prêmio.

Na semana seguinte, já de volta ao Rio, fui entrevistá-la em meu trabalho de jornalista. Foi então que ficamos nos conhecendo, no início de uma amizade intensa e carinhosa. Só muitos meses depois é que fiquei sabendo do mal-entendido. Naquela ocasião, ela estava cheia de dívidas, porque o contador da companhia tinha dado um golpe e fugido com o dinheiro dos atores. Cheia de contas a pagar e sem saber como fazer, Sylvia sonhava em ganhar na loteria. Era esse o primeiro prêmio que ela achava que eu estava anunciando. Coisa mesmo de sair dando cambalhota pela sala. A não ser por um detalhe que seu filho Gê lembrou: se ela nunca comprara um bilhete, como é que podia ter ganho?

O episódio é um retrato da Sylvia. Do seu talento unanimemente reconhecido, de seu desligamento, de suas eternas trapalhadas financeiras, de sua capacidade de celebrar a vida.

No ano seguinte, em outra edição do mesmo concurso do Teatro Guaíra, com um júri parcialmente renovado, novamente houve unanimidade. Ninguém tinha dúvida de que a peça vencedora devia ser esta que você vai ler agora: “Eu chovo, tu choves, ele chove”... Mais uma vez, ao abrirmos o envelope que identificava o autor,

constatamos que era ela. Mas dessa vez não fui eu quem deu a notícia. E ela não se confundiu.

Animada pelo sucesso dos textos, ela decidiu se dedicar ao teatro infantil e montou vários espetáculos que foram ganhando um prêmio atrás do outro. Engraçadíssimos, muito bonitos, com um sentido incrível de ocupação do espaço cênico, e com um ritmo perfeito. Além de tudo, partindo de textos interessantíssimos, todos de autoria dela.

Alguns anos mais tarde, comentando isso com ela, sugeri que aproveitasse aquele vulcão de idéias que jorravam sem parar e escrevesse histórias para crianças. Ficou muito surpresa. Disse que eu estava maluca, ela não sabia escrever, só sabia fazer teatro. Insistiu em afirmar que não tinha a menor paciência para ficar dando lição de moral nem ensinando criança a fazer nada, era contra isso tudo, achava que literatura infantil era uma coisa muito chata que nem devia existir... e já estava fazendo um discurso inflamado a favor da liberdade quando eu percebi que ela devia estar pensando era nas histórias infantis que lera quando era criança, certinhas e repressoras, ainda mais com sua formação européia. Falei em Monteiro Lobato, ela não tinha intimidade com a obra dele. Sugeri que lesse. Dei também uns livros meus e emprestei uns da Lygia Bojunga, da Ruth Rocha e do Ziraldo. Poucos dias depois, ela já estava me ligando entusiasmada: ah, se literatura infantil agora era assim como essa gente toda estava fazendo, então ela também era capaz de fazer. Queria experimentar. Só tinha uma dúvida. Como fazia para publicar?

Nesse tempo — final dos anos 70 —, a Ruth era editora da “Recreio”, a revista onde nós duas tínhamos começado dez anos antes, e precisava de uma história diferente toda semana. Dei a Sylvia o telefone dela e também liguei diretamente, recomendando. Daí a poucos dias, Ruth me telefonou. Disse que assim não era possível, que aquela minha amiga era ótima, mas meio exagerada. Foi minha vez de entender mal. Achei que Ruth se referia ao estilo delirante e divertidíssimo de Sylvia, e comecei a defendê-la, dizendo que eu gostava muito e não achava exagerado demais. Até que ouvi a explicação: é que Ruth pedira para ela mandar uma ou duas histórias para teste e recebera 26! Todas boas, dignas de serem publicadas. Mas suficientes para meio ano da revista, não dava para revezar com outros autores e publicar mais ninguém. Não dava para aproveitar tudo de uma vez.

Novamente, tive que entrar em campo e explicar a Sylvia como são as coisas no mundo normal e sem graça em que todos vivemos, bem menos efervescente do que os padrões dela. Não era bem assim, não dava para a revista publicar tudo. Mas, se ela quisesse, eu podia encaminhá-la à Editora Codecri, onde estavam começando uma coleção infantil. Era só ela mandar as histórias e com toda a certeza algumas seriam...

— Mas eu não lembro mais de nenhuma — interrompeu ela. — E estou sem tempo para fazer outras, por causa da estréia da nova peça. Máquina pra mim agora é só de costura. Estou terminando os figurinos, e os cenários, e os fantoches...

Pois é. Fiquei sabendo então que ela tinha sentado diante da máquina de escrever, escrito 26 histórias, uma atrás da outra, posto tudo num envelope grande de papel pardo e mandado para São Paulo. Sem tirar cópia. Ainda bem que Ruth não tinha jogado fora e podia devolver. Senão, a gente teria perdido preciosidades.

Foi o começo da brilhante carreira de escritora da Sylvia. Tão brilhante e tão cheia de sucessos e alegrias que ela foi deixando o palco de lado. Mas nunca o tirou de dentro de si. Tudo o que ela escreveu manteve sempre uma certa intensidade espetacular, no sentido de saber que havia um espectador para seus livros, mais até que um leitor. Como se as páginas fossem o roteiro de um espetáculo.

Em sua obra, os elementos visuais sempre foram muito fortes. As palavras, musicais. Os personagens, consistentes. Os diálogos, perfeitos e rápidos. O conflito, nítido. E o senso de humor, ah, o senso de humor de Sylvia não tem qualquer comparação em termos literários. Só pode ser medido por padrões teatrais que a situem numa tradição escrachada brasileira, de improviso e exuberância, que passa pelo palco e pela telona. É a tradição da chanchada e do teatro de revista, desde Oscarito, Grande Otelo e Dercy Gonçalves, chegando até os programas cômicos da televisão. Muito mais de gargalhadas do que de sorrisos.

Mas nas histórias, Sylvia Orthof ainda ficou um pouco contida. No teatro é que ela se espalha, está no seu elemento por excelência. Tira partido dos menores detalhes. Transforma as coisas mais banais do dia-a-dia em elementos maravilhosos, banhados de magia pura. “Eu chovo, tu choves, ele chove”... toma guarda-chuvas e chuveiros, cortinas de plástico e toucas de banho, escova e enceradeira, e faz de tudo isso uma festa, de mistura com máscaras e fantoches, galinhas e sereias, ovo e

ova, príncipe e nuvem. E para quem achava que não podia escrever porque não ficava à vontade com a linguagem, o resultado é surpreendente. Ela dá um banho em quem ainda pensa que livro para criança é uma coisa certinha. Começa pelo título, conjugando o verbo “chover”, que todas as gramáticas garantem que é impessoal. E depois vai em frente, brincando intuitivamente com as palavras como se fossem mais um objeto em cena. Basta ver o que consegue fazer com o Sol, que ao mesmo tempo é clave de sol e, quando trata de solar, pode estar cantando um solo. Ou reparar no uso criativo que ela faz da tromba-d'água, transformando uma palavra num objeto, e este num personagem que se multiplica e tem história.

Sendo uma peça de teatro, “Eu chovo, tu choves, ele chove”... é gostosíssima de ler, com tudo muito explicado: o elenco dos personagens, as indicações do que eles fazem, as frases que dizem. Mas também é ótima de montar. É muito flexível e pode ser feita com números diferentes de participantes, dependendo do tamanho da turma. Podem ser seis atores, se revezando nos papéis, como a própria autora sugere. Mas se houver mais gente querendo entrar na peça, podem ser nove atores — sete fazendo personagens e dois manipulando o fantoche do Chuvisco e o Ovo. Pode-se aproveitar ainda mais um que chegue, e deixá-lo fazer o Sol, separado. Sem falar em todas as oportunidades que ela cria para o trabalho de contra-regras (fazendo chuvas e trovões), de músicos, ou de fazedores de máscaras, fantoches e adereços.

O texto desta peça é um ótimo ponto de partida para uma montagem teatral. Mas vai muito além disso, porque se presta muito bem para duas coisas essenciais: entender que teatro é sempre uma celebração e que também é trabalho de equipe, todo mundo tem que participar com muito pique e disposição, sem estrelismo e com muito sentido coletivo. Dá para ver que a peça foi escrita por alguém que conhece muitos truques de encenação, mas também se percebe claramente como a autora respeitava o público infantil: na hora do barulho da trovoada, ela recomenda que seja feito à vista da platéia, para não assustar as crianças. Outra coisa que facilita muito uma eventual montagem é que a trilha sonora escolhida por Sylvia é toda baseada em melodias folclóricas, de cantigas tradicionais que todo mundo conhece. Além de tudo, há algumas soluções cênicas maravilhosas. A minha preferida é a fantástica maneira de entrar na poça. Mas também adoro a mímica de carregar um elefantão

com todo mundo ajudando.

O tempo todo a gente fala em dramático como sinônimo de teatral, e vale a pena lembrar que “drama” é uma palavra que, originalmente, significava “movimento”. Teatro tem que ter ação e mudanças. No entanto, quem achar que teatro é só ação e muito movimento está redondamente enganado. Esta peça de Sylvia Orthof mais uma vez demonstra isso. A principal mudança em cena não tem nada a ver com as correrias que tantas vezes caracterizam um teatro infantil equivocado e de má qualidade. Aqui, há uma mudança muito mais radical: uma profunda transformação na relação entre patrões e empregados, uma verdadeira revolução. Um espírito livre e independente como o de Sylvia jamais se esquecia das circunstâncias históricas do mundo em que vivia. O espetáculo pode ser lindo, alegre, musical e divertido. Mas a irreverência dela não é gratuita e sua crítica tem alvo certo: o autoritarismo dos manda-chuvas.

Leia e aproveite bem esta peça. Dentro dela, está inteira a sua autora, Sylvia Orthof, uma das grandes damas do teatro infantil brasileiro.

Personagens

Chuvisco (fantoche)
Pingo
Chuveiro
Tia Nuvem
Galinha-d'Angola
Sereia
Ova de Peixe
Príncipe Elefântico
Ovo Bonifácio (objeto)
Sol

Interpretada por seis atores em revezamento.

Sugestão de revezamento:

Pingo — personagem fixo
Chuveiro (**) — mesmo ator que faz a Tia Nuvem

(**) Há uma pequena passagem no final da peça em que o Chuveiro e a Tia Nuvem aparecem juntos. Pode ser suprimida a entrada da Tia Nuvem, caso o mesmo ator interprete os dois

Galinha — mesma atriz que faz a Sereia
Ova de Peixe — mesma atriz que faz o Chuvisco

Cenário

Uma confusão de guarda-chuvas, nas cores azul, verde, lilás. Servem de biombos, cortinas etc.

Surgem os atores vestidos de trapos de plástico sobre malhas pretas. No início da peça, todos são pingos de chuva. Vão abrindo os guarda-chuvas, fazendo ruídos de pingos.

Os guarda-chuvas abertos simbolizam uma cortina de teatro que se abre, começando o espetáculo.

Ciranda do comecinho
(Cantada por todos. Música de "Ciranda-cirandinha", em ritmo lento)

No caminho desta chuva... ploc!
muita história vai chover,
na ciranda-cirandinha... ploc!
tudo pode acontecer!

Quando eu chovo, ele chove,
quando chove, nós chovemos,
somos chuva, somos água,
pela nuvem choveremos!

O anel que tu me deste,
quando chove, se derrete,
o amor que tu me tinhas
era chuva de confete! (Jogam papel picado)

Quando eu abro um guarda-chuva,
uma história vou chover,
quem quiser chover conosco
guarda-chuva deve ter!

Ploc! ploc! ploc! ploc!

(Por baixo de um guarda-chuva, surge o fantoche chuvisco.)

ATORES — Chuvisco chegou! Psiu! Psiu! Ploc! Chuvisco chegando é pingo-respingo molhando!

ATOR — Bom-dia, Chuvisco! Será que hoje vai chover?

CHUVISCO — Psiu! Fale baixo. Psiu! Ui! Ui!

ATRIZ — O que foi que aconteceu, Chuvisco? O que é isto?

CHUVISCO — Psiu! Ui! Ui! Ui! Ui! Ui... ai... ai! Ele está zangado! Psiu! Ele está zangadão!

TODOS — Quem? Hein? Quem? Hein? Quem?

CHUVISCO — O nosso Patrão! Está furioso! Calamidade! Calamidade!

ATRIZ — O que é calamidade, calamidade?

CHUVISCO — (Tremendo) Não sei! Deve ser uma coisa horrível!

ATOR — Já sei! Droga! Ele não vai deixar a gente chover hoje! Droga! (Sai, zangado)

CHUVISCO — Acho que o nosso Patrão mandou dizer que hoje ninguém tem licença para chover!

TODOS — Ora! Ui! Ai! (Choram) Queremos chover! Queremos chover!

(Surge o Sol. É um dos atores, segurando uma máscara brilhante e dourada. O Sol é feito de laranja e amarelos vibrantes. Os pingos se encolhem, com medo de secar.)

SOL — Eu sou o Sol! Façam o favor de fechar o guarda-chuva. Hoje vai ser um lindo dia de sol! Um dia lindo de mim! Quer dizer: um lindo dia de sol... eu sou o Sol!

(O Sol vai tomando o meio do palco, reluzindo pouco a pouco, dizendo "ploc! ploc! ploc!". Os pingos vão sumindo, fugindo de cena. O sol, muito orgulhoso, toma ares de cantor de ópera, e começa a dançar e a cantar, com a mesma música de "ciranda-cirandinha".)

SOL
Ó ciranda-cirandinha
sou o Sol e vou solar
neste solo, vou solando,

na ciranda, cirandar!

Sou um sol de brincadeira
sol maior eu vou cantar
na ciranda-cirandeira
eu também quero brilhar!

O anel que tu me deste
no verão vira confete (Joga brilhos)
pois o sol é muito quente
e o verão tudo derrete!

(Empunhando um guarda-chuva transparente, com um pingo de acrílico pendurado numa das extremidades de uma haste, surge pingo de chuva, meio medroso, meio tímido. É um pingo diferente dos demais, uma espécie igual, mas destacada.)

PINGO — Ei! Senhor Sol!

SOL — O que é?

PINGO — O senhor poderia fazer o favor de ir embora, poderia?

SOL — Por quê? Quem é você?

PINGO — Eu sou o Pingo de Chuva. Eu preciso chover e, se fizer sol, eu não chovo... fico seco... sequinho... sabe?

SOL — Já que você pediu com tanto jeito, eu vou atender ao seu pedido... vou solar em outro lugar! (Música de "ciranda-cirandinha")

Sou um sol de brincadeira

sol maior eu vou cantar
mas se a chuva for de pingos
vou solar noutro lugar! (Sai)

PINGO — Obrigadinho, Senhor Sol! Até qualquer dia, hora ou lugar! (Surge chuvisco, tremendo)

CHUVISCO — Pingo de Chuva! O nosso Patr...rrrrrrrrr... Patrão está chegando! Ele não quer deixar a gente chover, hoje! Quem sabe, você, que é jeitoso, consegue a licença pra gente chover, hein?

PINGO — Eu?

CHUVISCO — Você conseguiu fazer o Sol ir embora, não conseguiu?

PINGO — Mas o Sol não é o nosso Patrão!

CHUVISCO — Lá vem ele... ui... ui... peça a ele, sim?

PINGO — Ele está danado, hoje?

CHUVISCO — Nosso Patrão Chuveiro está elétrico! Está danado, zangado e chato! Está trrrrrr... trovejante! Vou embora! Tchau! (Sai)

(Surge um cartaz (1) onde se lê: tempo instável.)

PINGO — Tempo instável? Tempo instável... sujeito a chuvas e trovoadas é coisa boa! Eu não tenho medo do nosso Patrão Chuveiro! Lá vem o Patrão Chuveiro, envolto em sua cortina de plástico!

(Barulho de trovões. O barulho é feito à vista das crianças, para não assustar. Deve ser ridículo. Surge o chuveiro. Vem envolto em uma cortina de

plástico e traz uma escova na mão, em pose de rei.)

CHUVEIRO — (Canta)

Sou Chuveiro bem elétrico
sou patrão... trão... trão...
manda-chu... va... va...
mando to... dos... dos...
tomar ba... nho... nho...
com escova, com chuveiro e sabão... bão... bão!
Hoje estou mal-humora... do... do...
sou patrão... trão... trão...
dou sabão... bão... bão...
mando to... dos... dos...
tomar ba... nho... nho... mas eu mando e não tomo banho, não!

PINGO — Seu Patrão, posso falar com o senhor?

CHUVEIRO — (De dentro da cortina, responde, como quem está no banheiro e alguém bate à porta) O que é? Estou ocupado!

PINGO — Eu podia falar com o senhor, seu Patrão Chuveiro?

CHUVEIRO — Estou ocupado!

PINGO — Só um instantinho, seu Patrão Chuveiro!

CHUVEIRO — Estou ocupado, no banheiro!

PINGO — Mas eu preciso falar com o senhor... É urgente!

CHUVEIRO — Estou ocupado... estou urgente também!

PINGO — O senhor está tomando banho?

CHUVEIRO — Estou ocupado, já disse! Fala mais alto... Não estou escutando direito... Estou com água nos ouvidos!

PINGO — Escuta, seu Chuveiro...

CHUVEIRO — O quê? Dinheiro? Você quer dinheiro? Não tenho! Estou com água nos ouvidos, ouviu?

PINGO — Puxa, o senhor não entende o que a gente fala!

CHUVEIRO — Dinheiro pra comprar bala? Ora, não tenho, estou ocupado! Só tenho água nos ouvidos... Faz uma cócega... ui... ai... ui... ai... ui... Ora, pulei tanto... que saiu a água dos ouvidos... que pena! Bem que minha mãe Torneira dizia: pra tirar água do ouvido, pule num pé e pule no outro!

PINGO — Seu Patrão Chuveiro, posso ter licença pra chover hoje?

CHUVEIRO — (Começa a fazer barulho de telefone ocupado) Pon... pon... pon... pon... pon... Estou ocupado... pon... pon... pon... pon...

PINGO — Seu Patrão Chuveiro, posso chover um pouquinho?

CHUVEIRO — Você conhece telefone? Telefone ocupado não faz: pon... pon... pon... pon...? Pois eu sou Chuveiro ocupado: pon... pon... pon... pon... (Sai Chuveiro)

PINGO — Puxa, patrão é sempre assim: ou está zangado ou surdo ou ocupado!

(Volta chuveiro, pulando, com uma carta na mão.)

CHUVEIRO — Estou agora de bom humor, escutando direito e desocupado. Pode aproveitar e fazer um favor para mim: dou licença para você chover hoje!

PINGO — Verdade? Oba!

CHUVEIRO — Mas tem uma condição de patrão: você leva esta carta para a Sereia que mora no fundo da poça que vai dar no fundo do mar. A poça fica no galinheiro e o galinheiro é da Galinha. Está tudo explicado no endereço. Chove depressa e leve a carta para a Sereia, ouviu?

PINGO — Ouvi, sim senhor! Mas... levar esta carta, onde?

CHUVEIRO — (Nervoso) Para a Sereia que mora no fundo da poça! A poça fica no galinheiro. O galinheiro é da Galinha. E faça o favor de chover depressa e não molhar a carta!

PINGO — E onde devo chover, para cair no galinheiro que tem uma poça que tem uma sereia?

CHUVEIRO — (Leva o pingo para a direita) Aqui! Se você chover daqui pra baixo, cai direitinho no galinheiro! Boa chuva! E aqui está a sua licença carimbada pra você chover! Dei licença!

PINGO — Ganhei a licença pra poder chover! Oba!

CHUVEIRO — Chova!

PINGO — Obrigadinho, choverei, choverei imediatamente!

(Chuveiro sai)

PINGO — (Recita em ritmo de pingo e ploc)

Eu chovo... ploc... tu cho... ves... chovendo... ploc...
uma carta... ploc... eu vou... chuviscar... ploc...
se eu chovo... tu choves, ele chove...
nesta chuva vós todos choveis...
numa história que canto a vocês! ploc! ploc! ploc!

(Surge a tia nuvem. Ela é muito afobada e aflita. Usa máscara de espumas e filós e é ofegante, como uma pessoa gorda que está nervosa.)

NUVEM — (Canta "skindô-lê-lê")

Oi skindô-lê... lê...
eu também quero chover!
Oi skindô-lá-lá!
nesta chuva quero entrar!

Eu chovi num garotinho
do colégio militar
o diabo do garoto
não queria se molhar!

Oi skindô-lê-lê (Canta, com voz de choro)
Oi skindô-lê-lê-lá-lá!
Oi skindô-lê-lê
nesta chuva quero entrar!

Sete e sete são quatorze
três vez sete vinte e um
tenho sete pingos d'água

mas só vou chorar com um!

Meu sobrinho Pinguinho de Chuva! (Chora, exageradamente) Então, você vai me deixar aqui, sua Tia Nuvem, sentindo saudade? É o “cumulus”! (2)

PINGO — Tia Nuvem, não faça tragédia! Eu preciso chover pra entregar a carta que o Chuveiro mandou pro galinheiro que mandou pra poça que tem uma Sereia-Moça! Mas eu vou sentir saudades da senhora, Titia Nuvem, prometo!

NUVEM — Não vai! Não vai sentir saudade, nada!

PINGO — Vou sentir saudade, sim!

NUVEM — Não vai sentir saudade coisíssima nenhuma!

PINGO — Por quê?

NUVEM — (Dramática) Porque eu vou chover com você!

PINGO — (Desesperado) Não precisa chover comigo, eu... eu sei chover sozinho!

NUVEM — Não adianta fazer cerimônia... Eu sei que você quer que eu chova com você... Eu pedi licença à minha patroa, Dona Banheira, ela mandou eu ir tomar banho... e eu vou chover com você!

PINGO — Mas eu gosto de chover sozinho... A senhora não fica zangada comigo, não é?

NUVEM — Lógico que não fico zangada... porque nós... vamos chover juntos! É um, é dois, é três! (Pega a mão do pingo e arrasta-o consigo) Chovemos em vocês!

(Dão um pulo. surge um cartaz "chuva-fina no galinheiro".)

PINGO — Estamos chovendo! Ploc! Ploc! (Cai papel picado)

NUVEM — Juntinhos: sobrinho e Titia Nuvem... e chovemos num galinheiro... veja!

(Surge uma máscara enorme de galinha, com uma capa de fazenda preta com bolinhas brancas. É uma Galinha-d'Angola, (3) fala com sotaque português, vive se arrastando, inventando doenças, dizendo que está fraca.)

GALINHA — Tô fraca! Tô fraca! Quem está lá?

PINGO — Somos a chuva! Eu sou o Pingo e esta é minha Tia Nuvem! Estamos chovendo no seu galinheiro... dá licença?

GALINHA — Tô fraca! Tô fraca! Tô fraca!

NUVEM — Ih... nós estamos chovendo e eu esqueci meu guarda-chuva! Vou voltar pro céu e buscar o meu querido guarda-chuva... Ele deve estar morrendo de saudade de mim!

PINGO — Mas a senhora insistiu em vir e já mudou de idéia?

NUVEM — Eu sou uma nuvem... Nós, as nuvens, somos inconstantes... uma hora queremos chover, outra hora queremos secar! (Pausa) Você jura que vai sentir saudade de mim?

PINGO — Juro!

NUVEM — Saudades enormes?

PINGO — Do tamanho de uma tromba-d'água!

(Galinha aproxima-se, arrastando as pernas e dando pulinhos, de vez em quando, quando esquece as doenças imaginárias.)

GALINHA — Tô fraca... tô fraca... A senhora é a Tia Nuvem, pois, pois?

NUVEM — Sou eu, Senhora Galinha-d'Angola! Como vai?

GALINHA — Tô fraca! Tô fraca! Então veio chover na minha casa? Que prazer!

NUVEM — Mas esqueci o meu guarda-chuva e vou voltar. Este é o Pingo de Chuva, meu sobrinho.

PINGO — Como vai a senhora?

GALINHA — Estou fraca! Estou fraca! Estou com uma pontinha de febre reumática, um pouco asmática e resfriada... Tenho um resto de dor de garganta e uma ligeira coceira alérgica... De resto, vou indo bem, pois, pois!

PINGO — E a senhora já foi ao médico?

GALINHA — Deus me livre! Ele é capaz de me curar! Adoro ficar doente! Sou uma galinha hipocondríaca, sabia?

PINGO — O que é isso?

NUVEM — Hipocondria é uma alegria de ficar doente... é mania de doença, sabe? Adeus, vou buscar meu guarda-chuva que deve estar morrendo de saudade!

(Sai NUVEM)

PINGO — Até qualquer chuva, Tia Nuvem! (Para a Galinha) Mas a senhora está com ótima aparência, Dona Galinha!

GALINHA — Que horror! Não me diga uma coisa dessas! Mas na semana passada, eu estava uma verdadeira galinha abatida! Tive apendicite, gastrite e sinusite. Tive coqueluche, sarampo e nó nas tripas. Uma coisa maravilhosa! Meu filho Bonifácio ficou preocupadíssimo. Espere aí, vou buscar meu filho Bonifácio para você conhecer! (Vai buscar um ovo enorme) Este é meu filho Bonifácio! Não é uma gracinha? Só vendo como sofri para botar este Bonifácio no mundo! Fiquei de resguardo, doentinha, doentinha, foi uma delícia! Fiquei fraca... fraca... fraca...

PINGO — Seu filho fala?

(Ovo Bonifácio é um travesseiro oval, com cara, e no lugar da boca, um zíper fechado)

GALINHA — Não. Ele é um ovo moderno. Já nasceu inteligente. Sabe que falar é coisa de gente burra. Ele cala. Veja que testa oval, que silêncio! Um ovo genial, não dá trabalho, um encanto!

PINGO — Nunca falou?

GALINHA — Nunca. Chegou, olhou pro mundo, entendeu e calou! Não é, Bonifácio? (Andando em volta dele, ciscando, vaidosa) É meu ovo único! Tô fraca... tô fraca... tô fraca... (Canta, com jeito de fado)

Tô fraca, tô fraca, fracola
reumática e resfriada
já tive uma asa quebrada
pois sou a Galinha-d'Angola!

Tô fraca, tô fraca, fracola,
adoro ficar doente,
adoro ter dor de barriga,
só não posso ter dor de dente!

PINGO — Dona Galinha, desculpe interromper sua cantoria, mas a senhora sabe onde fica uma poça? Meu patrão mandou que eu entregasse esta carta para uma Sereia que mora no fundo de uma poça de seu galinheiro! Conhece a poça?

GALINHA — Pois, pois, se conheço! Vou buscar! (Sai e volta com um espelho redondo que coloca no chão) Esta é a poça! No fundo desta poça, que parece um espelho, mora a Sereia!

PINGO — E como é que vou chover e entrar nesta poça aí?

GALINHA — Bonifácio, ovo meu, como é que um pingo de chuva entra numa poça?

(O Ovo continua calado)

PINGO — Ele não quer falar!

GALINHA — Mas pensa, ouviu? Ele não fala, mas pensa! Muita gente não fala, mas pensa... e muita gente não pensa e fala, ouviu? Ele é um Ovo Pensante! Ai... este problema me deu uma dorzinha encantadora de cabeça! Acho que é enxaqueca! Que bom, estou fraca, tô fraca, tô fraca!

GALINHA — (Canta novamente o fado)

PINGO — Tem certeza que este espelho é poça?

GALINHA — Tenho. É uma poça que parece um espelho e um espelho que

parece poça! (Faz um gesto violento com o braço e grita) Que maravilha! Dei um jeito na minha asa! Que loucura! Agora vou ficar de asa desarticulada! Que ótimo, mais uma doencinha nova! Tô fraca, tô fraca, tô fraca! (Continua com a asa dura)

PINGO — Como é que vou chover dentro desta poça?

GALINHA — Você quer fazer um favor pra mim? Quando você entrar na poça, você leva meu filho Bonifácio com você?

PINGO — Primeiro tive de levar a carta, depois levei a Tia Nuvem, e agora o Bonifácio?

GALINHA — Quem leva um, leva dois, quem leva dois, leva três! O meu filho Bonifácio está apaixonado por uma Ova de Peixe... Ela mora junto com a Sereia... e ele, coitado, está sofrendo de amor...

PINGO — Ele falou?

GALINHA — Pensou. Eu sou mãe. Mãe Galinha conhece o pensamento dos ovos, ora, pois, pois!

PINGO — Já que é caso de amor de ovo por ova, eu levo o Bonifácio!

GALINHA — Verdade? Que felicidade! Ui! Dei um jeito no pescoço! Acho que virei meu pescoço para trás! (O pescoço fica virado para trás) (4) Que lindo! Vejo tudo que eu não via... Agora, tenho um nó no pescoço! Tô fraca! (Canta e sai)

PINGO — Puxa, Bonifácio, como é que a gente vai entrar nesta poça? Deve ser difícil! Será que você não quer dizer nem uma palavrinha? Diga: ma... mãe! Pa... pai! (Silêncio) Puxa, que companheiro de chuva que eu fui arrumar pra chover no molhado! (Pega na poça) Já sei! Se a poça estiver no chão e eu estiver em cima, estou no seco... mas se eu segurar a poça sobre mim, fico dentro da poça... porque

sobre minha cabeça... nossa cabeça, Bonifácio, está a poça... logo, já estamos dentro da poça e estamos dentro d'água, Bonifácio! (Surge um cartaz onde se lê: chove na poça — inundação)

(Aparece uma sereia. Usa máscara e rabo de escamas prateadas.)

SEREIA — (Fala com jeito de madame da sociedade) Cri, cri... este meu mar está uma bagunça! Nem parece um mar de sereia decente... cri... cri... cri... Parece uma lama... Também, estas empregadas de hoje não querem trabalhar... cri, cri! Que horror!

PINGO — Bom-dia, Madame Sereia! Eu sou um pingo que choveu até aqui para trazer uma encomenda... e este é o Ovo Bonifácio!

SEREIA — Ih, vocês chegaram numa hora em que estou muito atrapalhada! Ainda não cantei, nem penteei meus cabelos, e falta encerar o fundo da poça do mar!

PINGO — A senhora encera o fundo da poça do mar?

SEREIA — Eu? Eu sou Madame Sereia, ouviu? Quem encera é minha empregada, criada Ova de Peixe... Mas essas criadas de hoje não querem trabalhar... Cri, cri, cri, cri!

PINGO — Sua empregada é a Ova de Peixe?

SEREIA — É. Ela deve estar encerando o Oceano Atlântico, ou o Pacífico. Ela é uma ova muito mole... Até chegar aqui, com aquela enceradeira velha... vai derramar! Cri, cri, cri, cri.

PINGO — Eu trouxe uma carta para a senhora. Foi o meu Patrão Chuveiro quem mandou! Está aqui! (Entrega a carta)

SEREIA — (Lendo) Querida Madame Sereia, atenciosas saudações. Venho, por meio desta carta e missiva, pedir a Senhora Madame em casamento. Eu estava noivo da Patroa Banheira, mas ela é muito parada, muito sem graça, prefiro casar com a senhora.

Esperando que aceite o meu pedido de casamento, assino-me e subscrevo-me, cordiais saudações,

Chuveiro.

PINGO — O Chuveiro pediu a senhora em casamento, é?

SEREIA — (Aflita) Estou noiva! Estou noiva! Quanto trabalho! Preciso casar, fazer uma festa, colocar um véu de noiva na cabeça! Preciso mandar convites de casamento, preciso casar e ser feliz e ter muitos filhos! (Exausta) Estou exausta, exausta! Cri, cri, cri, cri! Onde andará a minha empregada Ova de Peixe? Preciso de ajuda! No tempo da minha avó Tainha, as ovas enceravam de escovão! Cri... cri... cri... cri...! Ih... esqueci de cantar! Preciso cantar!

PINGO — Precisa?

SEREIA — Toda sereia canta, não é? Mas como eu sou desafinada, quem canta por mim é a Ova de Peixe! Mas ela some pelos Atlânticos e Pacíficos... um horror! Cri... cri! (Olha para o ovo) Isso aqui é o quê?

PINGO — É meu amigo Bonifácio!

SEREIA — Ele precisa botar uma roupa! Não pode vir para a minha festa pelado desse jeito! Cri... cri... cri... cri... Vai ser casamento a rigor, cheio de lantejoulas e salamaleques! Cri... cri... Vou arranjar meu véu de espuma do mar... cri... cri... (Sai)

PINGO — Puxa... eu queria chover sozinho, quietinho... e minha chuva virou chuva grossa, virou poça d'água, virou enchente, gente! Vou ver se encontro a Ova de Peixe... que trabalheira! (Sai o pingo, esquecendo de levar o ovo, aparece tia

nuvem, com o guarda-chuva.)

NUVEM — Ai, este guarda-chuva me arrasta! (Vai, levada pelo guarda-chuva) Calma, guarda-chuva, não corra tanto... eu sou velha! O tráfego estava um horror! Foguete pra lá, astronauta pra cá... estão até fazendo um metrô na Via Láctea pra ver se dão um jeito nesta confusão. Ai, a gente nem pode mais chover direito! Ai, que saudade do tempo de outrora... que saudade do Pingo! (Repara no Ovo) Coitadinho, vai pegar um resfriado... todo pelado! Vou levar você para dentro! Você pode ficar com pneumonia! (Esconde o Ovo) Guarda-chuva, aponte para onde deve estar o meu sobrinho Pingo! (1º guarda-chuva a arrasta) Ui... ai... devagar! Eu sou uma nuvem idosa! Detesto correrias!

Ui... ai... ui... ai... ai... ui... ai... Seu Guarda-chuva... não me puxe... eu sou uma nuvem idosa! Ui... ai... devagar! (Começa a dançar conga, levada pelo guarda-chuva)

Um... ui... ai... ui!
e mais uma vez... ui!
um, dois, três, ai...
e mais uma vez... ui! (Sai a nuvem, arrastada pelo guarda-chuva)

(Ouve-se o barulho de uma enceradeira. Entra ova de peixe, com um avental, encerando o chão do mar.)

OVA — (Desliga a enceradeira e canta. Música de "meu limão, meu limoeiro")

Escovão, enceradeira,
ai, quanto chão tem o mar?
Ai, que tanta trabalheira,
tanto chão pra encerar!

Quem tem amores não dorme

nem de noite, nem de dia,
dá tantas voltas na cama,
como um peixe n'água fria

Neste mar eu limpo a areia
até a areia brilhar
pois eu sou arrumadeira
de toda a areia do mar!

UF! Como é grande o fundo de uma poça que desemboca no mar! Já encerei o Oceano Índico com cera Índica, o Oceano Pacífico com cera incolor e o Mar Vermelho com cera vermelha! Uf! A Sereia, minha patroa, manda e desmanda! Uf! Que canseira para mim e para minha enceradeira! (Recomeça a encerar. Surge o Pingo)

PINGO — Ei! Oi!

OVA — Oi!

PINGO — Você é a Ova de Peixe, arrumadeira da Madame Sereia?

OVA — Sou eu!

PINGO — Eu trouxe o seu namorado, Ovo Bonifácio, para visitar você... (Repara que o Ovo sumiu) Ué, cadê o Bonifácio? Alguém raptou o Bonifácio? Por onde sumiu o Ovo Bonifácio? Ele estava aqui... e sumiu!

OVA — O meu namorado Ovo Bonifácio estava aqui? Ai, tenho de tirar o avental e passar batom! Não quero que ele me veja desarrumada! (Sai Ova)

PINGO — Puxa, o Ovo sumiu! A Ova sumiu! A Sereia sumiu! Que chuva esta em que fui me meter! Que aguaceiro! Que confusão! (Aparece o Chuveiro)

CHUVEIRO — Entregou a carta?

PINGO — Entreguei, sim, Senhor Patrão Chuveiro!

CHUVEIRO — A Sereia aceitou o pedido de casamento?

PINGO — E já foi se arrumar!

CHUVEIRO —Foi passear?

PINGO — Arrumar!

CHUVEIRO — Ah, rumo ao mar, entendi! Estou com água nos ouvidos, quando falar comigo, grite!

PINGO — (Grita) Ahhhhh!

CHUVEIRO —Entendi perfeitamente! Volto já! (Sai)

PINGO — Mas que chuvarada maluca, tá todo o mundo lelé da cuca? Vou ver se essa festa de casamento sai ou não sai! (Sai Pingo)

(Aparecem Sereia e Ova. Ova vem toda enfeitada, SEREIA não a reconhece.)

SEREIA — A senhora veio para o meu casamento, Dona Princesa?

OVA — A senhora, Madame Sereia, não me reconhece?

SEREIA — Eu sou muito esquecida...

OVA — Não lembra de mim?

SEREIA — Eu esqueço os nomes e, em compensação, não me recordo das caras... cri... cri... Conhece meu noivo? Ele é todo cromado e plastificado, uma gracinha

(Olhando em volta, repara na enceradeira) A Senhora Dona Princesa... como se chama mesmo?

OVA — Princesa, eu? Bem, já que insiste, pode me chamar de Princesova de Peixova...

SEREIA — Encantada! Mas a senhora desculpe a bagunça... estas criadas de hoje... cri... cri... cri...

OVA — (Canta música de "samba-lelê está doente")

Estas criadas de hoje
não sabem mais trabalhar
preferem virar princesas
e ir pro baile dançar!

Samba, samba, samba oi lelê, na barra da saia, oi lalá!

(Bis)

SEREIA — Lindo! Eu também adoro fazer poesias e cantar... mas tenho muito trabalho com a minha criadagem, sabe, é difícil cuidar de tanta onda, tanto peixe, tanta barbatana e onda! Cri... cri... E as criadas de hoje não sabem fazer nada... nada... cri... cri... Tudo é preciso dizer e mandar... cri... cri... Fico exausta!

OVA — Pois eu acho que as criadas têm razão. A senhora, Madame Sereia,

gosta de encerar?

SEREIA — Detesto!

OVA — Eu também!

SEREIA — Espera aí... acho que estou reconhecendo a senhora... Você é a Ova de Peixe!

OVA — Sou. Eu era uma pobre Ova de Peixe. Agora, enjoei, mudei de roupa e virei Princesova de Peixova!

SEREIA — E a enceradeira?

OVA — A enceradeira enjoou e enguiçou.

SEREIA — Isso é uma revolução, é?

OVA — É. Era chuva, virou poça... era poça... virou inundação... e vai virar tromba-d'água... chuvarada!

SEREIA — E eu vou ficar sem criada e sem enceradeira? Cri... cri... cri... cri...

OVA — Vai.

SEREIA — Mas eu detesto bagunça. Quem vai limpar o fundo da poça que é o fundo do mar?

OVA — A senhora!

SEREIA — Não posso. Eu tenho cauda. Quem tem cauda não pode fazer

trabalhos pesados. A cauda pode descascar, entortar e ficar horrorosa... cri... cri... cri... (Nervosa) Estou noiva e fiquei sem arrumadeira! Oh, cricricricri! Desgraçada de mim!

OVA — E eu virei Princesova de Peixova e vou casar com o Bonifácio e ter uma Sogra Galinha-d'Angola que é uma graça! E não me amola! (Aparece a Nuvem)

NUVEM — Um, dois, três, ui...

Isto é conga!
Um, dois, três, oi!
Nós vamos dançar! Ui!

SEREIA — O que é isso?

NUVEM — É uma dança antiga... do tempo em que chovia canivete! Chama-se conga! O meu noivo Guarda-chuva adora dançar conga comigo!

SEREIA — A senhora também está noiva?

NUVEM — Noiva de marré-marré-marré! Fico tão emocionada que começo logo logo a chorar! Buáá! Snif! (Chora, surgem pingo e o príncipe elefântico)

PINGO — Fui procurar o Ovo Bonifácio e achei um Príncipe Elefântico! Chegou a hora da tromba-d'água!

(Príncipe elefântico vem montado num elefantinho, tipo bumba-meu-boi; usa máscara oval, com zíper aberto na boca.)

PRÍNCIPE — (Canta, com melodia de "dizei, senhora viúva")

Dizei, senhora Princesa (Para Ova)

com quem quereis vos casar
Se é com o filho do conde
se é com o seu general, general, general?

OVA — Não quero nenhum desses homens pois sou noiva e não desfaço o meu noivinho querido é meu noivo chamado Bonifácio, Bonifácio, Bonifácio!

SEREIA — O senhor é da família das Coisas d'água?

PRÍNCIPE — Não, Madame Sereia. Sou da família das Penosas. Coisas de penas.

PINGO — O senhor conhece uma Senhora Galinha-d'Angola, muito fraca... fracola... reumática e resfriada? Já teve uma asa quebrada, pois é a Galinha-d'Angola! Conhece? Eu chovi muito no terreiro dela antes de acontecer toda esta tromba-d'água elefântica e confusa!

PRÍNCIPE — A Senhora Galinha-d'Angola é minha mamãe! Eu sou o Ovo Bonifácio que resolveu entrar na chuva e se molhar... virar gente e falar! Eu estava no Oceano Índico quando apareceu esta tromba-d'água que é um elefante-marinho-índico! Naveguei o elefante, vim numa tromba-d'água, virei gente e falei e aqui estou!

OVA — Você é o meu querido Ovo Bonifácio?

PRÍNCIPE — Sou eu! E como numa chuva tudo pode acontecer, choveu e aconteceu. Quer casar comigo, minha Princesova de Peixova? Até que o divórcio nos separe?

OVA — E se a gente quiser casar para sempre?

PRÍNCIPE — Aceito! Está feito!

OVA — E o Elefantinho? O que a gente faz com o Elefantinho Tromba-d'Água?

PRÍNCIPE — Como nós nos amamos muito, para que nossa felicidade não seja perfeita, pois tudo que é bom demais enjoa, levaremos o Elefantinho para o nosso apartamento! Sempre vai atrapalhar um pouco... É bom, para não sermos totalmente felizes!

OVA — E quem vai levar o Elefantinho para passear e fazer pipi?

PRÍNCIPE — O Pingo de Chuva!

PINGO — Eu? Não posso, estou chovendo!

OVA — A Sereia!

SEREIA — Eu? Netuno me livre! Levar um pipi de Elefantinho na minha cauda? Que horror! Cri... cri... cri... cri! Por falar nisso, vou me enfeitar para o meu Chuveiro! (Sai)

PINGO — Por falar nisso, vou chover no molhado! (Sai)

NUVEM — Por falar nisso, eu vou noivar com o meu Guarda-chuva! (Sai)

OVA — Todos sumiram! Quem vai levar a Tromba-d'Água para passear? Que problema! (Aparece o chuveiro)

PRÍNCIPE — O Chuveiro vai levar o Elefantinho Tromba-d'Água para passear!

CHUVEIRO — Não posso, estou noivo.

PRÍNCIPE — Mas o Elefantinho Tromba-d'Água precisa passear... Coitado do Elefantinho!

OVA — Ele precisa fazer pipi no poste, coitadinho!

CHUVEIRO — Mas esta história era de chuva, não era de pipi! Vocês estão transformando uma chuva fininha em tromba-d'água! Assim, não é possível! Isso é revolução, anarquia! Vou chamar a polícia dos Salva-vidas!

OVA — Eles mandaram dizer que o lema é "Salve-se quem puder"!

PRÍNCIPE — Coitadinho do Elefantinho!

CHUVEIRO — Vocês estão atrapalhando tudo! Vão tomar banho!

OVA — Senhor Chuveiro, o senhor está mandando um Príncipe Elefântico e uma Princesova de Peixova tomarem banho?

CHUVEIRO — Vão tomar banho! Vocês atrapalharam minha chuva!

(Todos cantam, menos Chuveiro e Sereia.)

Um elefante incomoda muita gente...

(Surgem cartazes com elefantes, tipo estandarte.)

Dois elefantes incomodam muito mais!
Três elefantes incomodam muita gente...
Quatro elefantes, tromba-d'água é demais!

CHUVEIRO — Silêncio! Chega de bagunça! Enjoei desta chuvarada desorganizada e não vou casar mais com a Sereia. Noivado desfeito! Resolvi mandar

todo o mundo tomar banho!

OVA — O senhor é manda-chuva, é?

CHUVEIRO — Sou. Vão tomar banho!

PINGO — Desculpe, mas por que é que o senhor manda os outros tomarem banho e não toma banho o senhor, hein?

CHUVEIRO — Porque eu sou o Patrão Chuveiro! Chuveiro não toma banho, manda!

PINGO — Pois na bagunça desta história, aconteceu uma coisa boa: chega de chuveiro que manda-chuva! Chega de sereia que manda cera! A coisa vai mudar!

CHUVEIRO — Duvide-o-dó!

PINGO — Chegou a hora de o senhor tomar banho!

CHUVEIRO —Estou ocupado, não posso... pon, pon, pon, pon, pon. Eu vou me gripar!

(Todos cercam o chuveiro, sobem bolhas, confusão.)

CHUVEIRO —Estou me molhando... a água está gelada! Atchim!

(Cantam)

Eu chovo, tu choves, chovemos, choveis,
é tromba-d'água chovendo em vocês!
Chuveiro chatinho, metido a patrão,
vai ser esfregado com água e sabão! (Esfregam e banham o Chuveiro)

Se agora eu chovo, é revolução,
chuveiro teimoso, não manda mais não!
Perdoem o elefante
e a cera do chão

Ninguém manda chuva no meu coração!
Que a boca que eu tenho
é pra dizer assim:
ninguém tem direito
de mandar em mim!

Eu chovo, tu choves, chovemos, choveis,
é tromba-d'água molhando vocês!

PINGO — E o elefante? Quem lava o elefante?

PRÍNCIPE — Ele não existe, nós não existimos. Somos uma história, sem pé nem cabeça! Nossa história precisa passear!

TODOS — Sem pé? Sem cabeça? (Mímica)

PINGO — Já que não existimos, já que somos de faz-de-conta... Faz de conta que vamos levar o maior elefante do mundo para passear! Mais um elefante!

OVA — O maior elefante do mundo? (Fazendo mímica) Ui! É difícil levantar um elefante de faz-de-conta! É pesadíssimo! (Cai)

PRÍNCIPE — Este elefantão é pesadíssimo! Uf! É o irmão mais gordo do Elefantinho!

PINGO — (Para as crianças) Quem quiser, venha ajudar! A gente precisa de

ajuda pra levantar o elefante e carregá-lo lá para fora! Ui! Como é pesadão! Quanto elefante!

(Todos levantam um elefante imaginário. De repente, não suportam o peso, caem. Conseguem suspendê-lo, com a ajuda das crianças. Forma-se uma procissão. (1)

(1) A ajuda das crianças deve ser voluntária. Haverá espetáculos em que as crianças não ajudarão na mímica. Nada deve ser imposto. Quando uma criança não entra na brincadeira, poderá estar participando com a sua atenção ou curiosidade. (N.A.)

TODOS — (Cantam)

Um elefante
incomoda muita gente...
Dois elefantes
incomodam muito mais! etc.

(Saem todos do teatro para levar o elefante para passear, cantando, carregando um peso enorme, em mímica, ajudados pelas crianças.)

Notas Explicativas

(1) Atenção para que os dizeres do cartaz sejam legíveis nas últimas fileiras da platéia. Essa observação vale para todos os outros cartazes que aparecem na peça.

(2) “Cumulus” é uma palavra em latim que designa um tipo de nuvem, com a forma de algodão acumulado em monte. Por isso, a autora faz esse trocadilho.

(3) Angola é um país da África que foi colonizado por portugueses e só ficou independente há poucos anos. Os angolanos falam português, com um sotaque parecido com o de Portugal, o que explica o sotaque do personagem. Esse tipo de galinha não cacareja como as outras, mas emite um som que parece estar dizendo "tô-fraca...". Por isso, a autora faz essa brincadeira.

(4) Como o personagem é feito por uma máscara montada num tecido, é fácil ter esse recurso de ficar com o pescoço virado.